

COORDENAÇÃO MOTORA DE ESCOLARES PRATICANTES E NÃO PRATICANTES DE FUTEBOL

Everton Wanderley Cosme dos Santos¹

Jason Azevedo de Medeiros²

RESUMO

No esporte assim como no futebol, a coordenação motora se agrega à função de harmonização dos processos parciais do movimento, que tendo em vista o objetivo da ação, permitem que este seja alcançado com o menor gasto energético possível, servindo como base para a execução de qualquer outro movimento humano. Objetivo: Comparar a coordenação motora de escolares praticantes e não praticantes de futebol. Metodologia: A pesquisa foi caracterizada com delineamento desenvolvimental e estudo transversal. A amostra foi constituída de 21 escolares matriculados no ensino fundamental na rede privada de ensino com idade entre 7 a 14 anos, sendo 12 praticantes de futebol e 9 não praticavam futebol na escola. A coordenação motora dos escolares foi avaliada utilizando a bateria de teste KTK. Para análise estatística foi aplicado o teste t de student para grupos independentes, adotando um valor de $p < 0,05$. Resultados: não houve diferença significativa para os quocientes motores bateria do KTK, quando comparados os praticantes do futebol com os não praticantes QM1 ($p = 0,811$) QM2 ($p = 0,882$); QM3 ($p = 0,923$) e QM4 ($p = 0,743$). Conclusão: A prática de outras modalidades esportivas também se torna importante afim de desenvolver a coordenação motora dos escolares, apesar de um grupo de escolares não ser praticantes de futebol, eles desenvolviam outras atividades na escola.

Palavras-chave: Coordenação Motora. Futebol. Escolares. Desempenho Motor.

MOTOR COORDINATION OF PRACTICING AND NON-PRACTICAL SOCCER SCHOOLS

¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN). E-mail: evertonwcs@yahoo.com.br

² Professor Orientador do Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN). E-mail: jason.medeiros1@hotmail.com

ABSTRACT

In sport as well as in soccer, motor coordination is added to the function of harmonizing the partial processes of the movement, which, in view of the objective of the action, allow it to be achieved with the lowest energy expenditure possible, serving as a basis for the execution of Any other human movement. Objective: To compare the motor coordination of practicing and non-soccer practitioners. Methodology: The research was characterized with a developmental design and cross - sectional study. The sample consisted of 21 students enrolled in elementary education in the private school system, aged between 7 and 14 years, 12 of whom were soccer practitioners and 9 did not practice soccer at school. Motor coordination was evaluated using the KTK test battery. For statistical analysis, the student's t-test was applied to independent groups, adopting a value of $p < 0.05$. Results: there was no significant difference for the KTK battery motor quotients when compared to those who did not practice QM1 ($p = 0.811$) QM2 ($p = 0.882$); QM3 ($p = 0.923$) and QM4 ($p = 0.743$). Conclusion: The practice of other sports modalities also becomes important in order to develop the motor coordination of schoolchildren, although a group of schoolchildren are not soccer practitioners, they developed other activities in school.

Keywords: Motor coordination. Soccer. Children. Motor Performance.

1 INTRODUÇÃO

A apropriação do tema futebol no currículo escolar configura-se como um patrimônio cultural que deve ser disseminado em forma de experiências planejadas de ensino, no decorrer da escolarização junto aos escolares e a comunidade. Representa um fenômeno de estudo consolidado no campo da Educação Física por tratar-se de uma modalidade da cultura de movimento. Todavia, estabelece-se, também, como um elemento cultural de grande potencial para mobilizar o ensino e a aprendizagem de diversos conteúdos em direção da construção do conhecimento (SILVEIRA et al., 2013)

No esporte assim como no futebol, a coordenação motora se agrega à função de harmonização dos processos parciais do movimento, que tendo em vista o objetivo da ação, permitem que este seja alcançado com o menor gasto energético

possível, servindo como base para a execução de qualquer outro movimento humano. Quanto maior o nível de complexidade de uma tarefa motora, maior o nível de coordenação necessário para um desempenho eficiente (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

Coordenar significa, etimologicamente, "ordenar junto", e para que isto aconteça é necessária uma quantidade vasta de atividades práticas desenvolvidas nas aulas para que as crianças experimentem e sintam-se desafiadas a cada vez mais, buscar a melhoria de sua performance, contribuindo assim para a sua formação motora (GRECO; BENDA, 1998).

Greco e Benda (1998) apontam que, mesmo durante a adolescência, há a possibilidade de evolução dos níveis de rendimento das capacidades coordenativas. Porém, é no final da infância e na puberdade que estas capacidades podem ser estimuladas e aperfeiçoadas com maior aproveitamento.

Assim, nas aulas de Educação Física e nas atividades de iniciação esportiva dentro desta faixa etária, o desenvolvimento da coordenação torna-se um conteúdo imprescindível. Segundo Gorla, Araújo e Rodrigues (2009), uma criança precisa contar com um ambiente que a prepare e a estimule para usar todas as suas capacidades e, quanto mais ricas forem as situações vividas, melhor será o desenvolvimento do esquema corporal.

O desenvolvimento da coordenação motora é de extrema importância para a prática dos jogos esportivos coletivos, já que a dinâmica do mesmo não permite que o jogador execute permanentemente de forma exata um modelo padrão ou ideal da técnica (GRECO; SILVA, 2008).

A fórmula de combinar a recepção de informação com a pressão na motricidade leva a criança à execução de diferentes tarefas que oportunizam a melhoria do desempenho, proporcionando possibilidades de desenvolvimento da sua coordenação (GRECO; SILVA, 2008).

Para se treinar a coordenação motora é necessário dificultar as ações das crianças, a fim de promover um aprendizado mais aprimorado e completo da aprendizagem, realizando conforme Kröger e Roth (2002), exercícios diversificados (mão, pé, raquete/bastão). E a partir do futebol podemos desenvolver e refinar a coordenação motora através de exercícios coordenativos e práticas educacionais.

Este trabalho foi desenvolvido pelo fato de se observar inúmeras maneiras de promover saúde para os praticantes de futebol no âmbito escolar a partir da

modalidade, esporte na qual desperta interesse de tantos ou quase todos alunos pela influência da mídia, dos pais, como também de sonhos próprios baseados em grandes nomes do futebol.

Partindo da premissa que a coordenação motora é estimulada e desenvolvida a partir do futebol, esse trabalho tem como objetivo comparar a coordenação motora de escolares praticantes e não praticantes de futebol na escola.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi caracterizada com delineamento desenvolvimental e estudo transversal (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012). A amostra foi constituída de 21 escolares matriculados no ensino fundamental de uma escola de ensino com idade entre 7 a 14 anos, sendo 12 praticantes de futebol e 9 não praticavam futebol na escola.

Em um primeiro momento foi explicado para a direção da escola o objetivo do estudo e caso fosse aceito, os procedimentos de coleta e quais os testes a serem aplicados durante o estudo. A direção distribui aos alunos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a quem vos foi informado sobre a participação da pesquisa e caso aceitassem em participar, deveriam trazer no dia da coleta o TCLE assinado pelos seus responsáveis legais.

Como critério de inclusão deveriam ter entre 7 e 14 anos de idade; estarem regularmente matriculados no ensino fundamental; aceitarem em participar da pesquisa mediante a liberação de seus responsáveis legais ao assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Como critério de exclusão, os escolares que apresentassem problemas de saúde (físico e mental) que impossibilitasse a realização dos testes. Desistir de qualquer tarefa que compreende o teste; apresentar desistência durante o teste por algum incidente.

2.1 AVALIAÇÃO DA COORDENAÇÃO MOTORA

O instrumento utilizado para o Teste de Coordenação Motora (KTK) validado por Kiphard e Schilling (1974) avalia a capacidade de coordenação motora das crianças utilizando quatro tarefas como (trave de equilíbrio, saltos monopedaís,

saltos laterais e transferência sobre plataformas). Pretende-se examinar funções motoras básicas que desempenham um papel importante no desenvolvimento motor da criança à medida que a idade avança, lembrando-se que por meio do quociente motor geral é possível classificar os sujeitos da insuficiência até a coordenação normal. Trata-se de uma bateria de testes que utiliza as seguintes tarefas motoras avaliando os alunos quanto às pressões de tempo, sequência, variabilidade e carga. O teste ocorre das seguintes formas:

Teste 1: equilibrar-se andando de costas (retrocedendo)

Objetivo: Coordenação com pressão de precisão Tarefa: Para cada uma das 3 barras a criança deveria realizar 3 tentativas (caminhar de costas). Primeiro na madeira de 6cm, depois na de 4,5cm e depois na de 3 cm. Contou-se número de vezes que a criança colocou o pé na barra andando de costas.

Teste 2: saltitar com uma perna

Objetivo: Coordenação em condições de pressão de complexidade. Tarefa: Colocar a quantidade possível de espuma que a criança consegue saltar com uma perna. Saltar aproximadamente 1,5m utilizando uma perna só. Esse espaço serve como impulsão antes de saltar a (as) espuma (as). Depois de saltar o obstáculo (espumas), a criança deveria saltitar 02 vezes sobre a mesma perna para que o salto fosse considerado válido. Cada altura deveria ser superada uma vez com cada perna, ou seja, o percurso se faz uma vez com a perna esquerda e depois com a direita. Foram realizados 02 ensaios em uma espuma (5cm). Se as crianças conseguissem no primeiro ensaio, não seria necessário a realização do segundo ensaio. A tarefa compreende 03 tentativas para cada pé em cada altura. Quando a criança conseguisse realizar o salto com sucesso na primeira tentativa: 03 pontos. Quando ela conseguisse na segunda: 02 pontos. Quando ela conseguisse na terceira: 01 ponto.

Teste 3: saltos laterais (para um lado e outro)

Objetivo: Coordenação sobre pressão de tempo. Tarefa: Com ambas pernas,

a criança deveria saltar de um lado ao outro o mais rápido possível durante 15 segundos, sobre uma madeira colocada no chão. Antes do teste foram permitidos 05 saltos de ensaio. O teste é composto de duas tentativas de 15 segundos. Entre as duas repetições foi aplicado um minuto de pausa. Se o avaliado saltasse e tocasse ou caísse sobre a madeira, ou fora do espaço, continuaria saltando sem parar. Contou-se o número de saltos realizados nos 15 segundos (depois foram somadas as duas tentativas). Na ida contou-se 01 pontos, retorno contou-se como 02 pontos. Não foram considerados: Encostar na madeira; saísse do quadrado no salto; saltasse duas vezes no mesmo lado, ou realizasse saltos com uma perna só.

Teste 4: transposição lateral

Objetivo: Medir a Coordenação em condições de pressão de complexidade. A criança deveria, em 20s, deslocar-se lateralmente, utilizando a troca de pranchas. Com as duas pernas sobre uma das pranchas, a outra prancha deve ser pega com as duas mãos e colocada do outro lado do corpo. Em seguida a criança deveria passar para esta prancha e continuaria o movimento continuamente. O pé não poderia entrar em contato com o solo. A criança poderia realizar um ensaio com 03 transposições. A criança deveria realizar o teste duas vezes sendo que, em cada uma delas, o tempo seria de 20 segundos. Entre as provas foi dada uma pausa de no mínimo 10 segundos. O trajeto deveria ser retilíneo.

Contou-se um ponto quando a criança pegava a prancha de um lado e colocava do outro e quando ela trocava de prancha. Os valores das duas tentativas, de 20 segundos cada, foram anotados (registrados) e somados.

2.1.1 Análise estatística

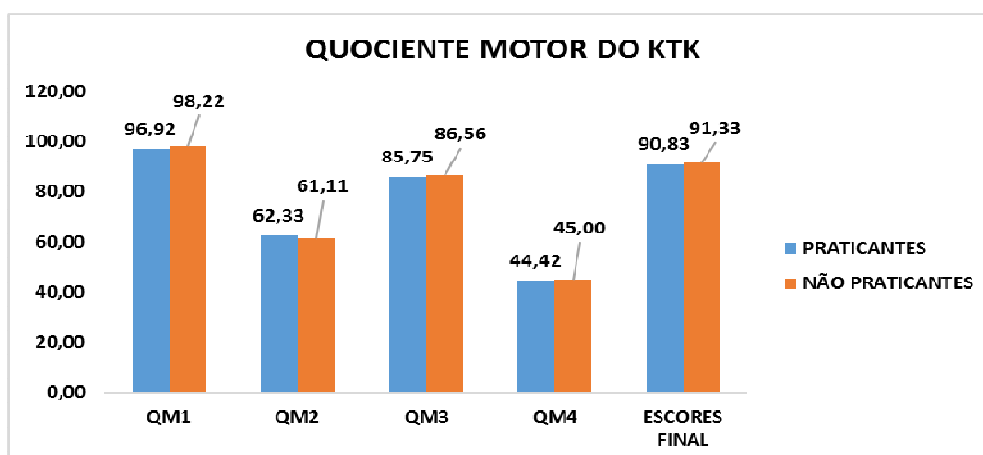
Utilizou-se de o teste de normalidade de Shapiro-Wilk aonde percebeu-se a não parametria dos dados, sendo assim aplicou-se o teste de comparação U de Mann-Whitney. Adotando um valor de $p < 0,05$.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir dos resultados obtidos nesse estudo, percebeu-se que não houve

diferença significativa em nenhuma variável dos testes do KTK, tanto para os praticantes do futebol, quanto para os não praticantes QM1 ($p = 0,811$) QM2 ($p = 0,882$); QM3 ($p = 0,923$) e QM4 ($p = 0,743$). É possível ver a similaridade nos gráficos abaixo.

Gráfico 1 – Quociente motor de Escolares praticantes e não praticantes de futebol



Fonte: Pesquisa de campo (2016).

Pode-se pensar que uma hipótese para que não houvesse essa diferença entre os grupos praticantes e não praticantes, seria que alunos que não tinham um bom desenvolvimento motor, não recebendo uma instrução adequada em suas aulas de futebol, não conseguem desenvolver destrezas motoras, equiparando-se assim à pessoas não praticantes, corroborando assim com a ideia de (COSTA, 2005), Levando em consideração este estudo, ao qual se refere à iniciação ao futsal como ambiente para crianças, a mesma, se não tiver um adequado desenvolvimento motor, não será capaz de desenvolver uma destreza. Pois quando as crianças participam de um programa bem estruturado, recebendo boas instruções, de acordo com o estudo de Ferreira (2013), onde seus resultados foram que os alunos praticantes de futebol tiveram seus níveis de desenvolvimento motor significativamente superior aos que não praticavam. Pois quanto mais vasto são os leques de atividades motoras vivenciadas pelos alunos, maior será seu desenvolvimento motor.

Freitas e Rodrigues (2015) afirma que as modalidades desportivas proporcionam uma variedade de gestos motores, tanto em treinamentos quanto em jogos. Sendo assim, esse pode ter sido um dos motivos pelos quais os não

praticantes de futebol obtiveram resultados semelhantes aos praticantes, pois os não praticantes da modalidade do futebol, seriam praticantes de uma outra modalidade esportiva, aumentando assim a variedade de seus gestos motores.

Pelozin et al. (2009) em seu trabalho, afirma que as aulas de Educação Física se destacam que como espaços propícios para a vivência de experiências esportivas, permitindo as crianças aprimorarem suas capacidades motoras e assimilarem as contribuições da atividade física para uma vida saudável, resultando assim melhoras nos níveis de coordenação motora, proporcionado pelos estímulos do professor e pelo aspecto ambiental. De igual modo, uma possível causa para que não houvesse essa diferença entre os praticantes e não praticantes, pode ser pelo fato dos não praticantes de futebol participarem das aulas de Educação Física, e consequentemente terem seus níveis de coordenação motora desenvolvidos.

Sendo assim podemos perceber que não houve diferenças significativas entre os praticantes do futebol e os não praticantes, pelo fato daqueles não praticantes participarem de outras modalidades esportivas, fazendo com que através da vivência de atividades voltadas para sua determinada modalidade fizessem também com que os mesmos possuíssem um bom aparato motor, beneficiando assim sua capacidade motora e igualando seus resultados aos dos praticantes do futebol.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que através do futebol, é possível aplicar atividades voltadas para a modalidade que contribuam para evolução da coordenação motora dos praticantes.

A prática de outras modalidades esportivas também se torna importante afim de desenvolver a coordenação motora. Sabendo que essas práticas podem ser vivenciadas nas aulas de Educação Física escolar, que aliada a uma boa instrução por parte do professor, com variações de atividades motoras aplicadas em suas aulas, ao nível de prazer e satisfação do aluno nas práticas, poderá proporcionar um bom desenvolvimento coordenativo.

REFERENCIAS

BENDA, R. N. Aprendizagem motora e a coordenação no esporte escolar. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, v. 9, n. 1, p. 74-82, 2001.

COSTA, C. F. **Futsal, v. 1: vamos brincar? – Técnica e Iniciação**. Florianópolis: Visual Books, 2005.

FERREIRA, Maximiliano Quadros. **A influência de um programa de iniciação ao futsal sobre o desenvolvimento de habilidades motoras fundamentais em crianças pré-escolares**. 2013. 41 f. TCC (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2013.

FREITAS, Fábio de; RODRIGUES, Cac. A Influência Do Futsal No Desenvolvimento Motor Em Adolescentes De 13 E 14 Anos. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, p.158-164, 2015.

GALLAHUE, D.; OZMUN J. **Understanding motor development: infants, children, adolescents, adults**. Boston: McGraw-Hill, 2005.

GORLA, J. I.; Araújo, P. F.; Rodrigues, J. L. **Avaliação Motora em Educação Física Adaptada: teste KTK**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2009.

GRECO, P. J.; Benda, R. N. **Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. v.1

GRECO, P. J.; Silva, S. A. A metodologia de ensino dos esportes no marco do programa segundo tempo. In: Oliveira, A. A. B.; Perim, G. L. **Fundamentos Pedagógicos para o programa segundo tempo**. Brasília: Ministério dos Esportes. Porto Alegre. UFRGS. 2008.

KRÖGER, C.; ROTH, K. **Escola da bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos**. Phorte, 2002.

SCHILLING, F.; KIPHARD, E.J. **Körperkoordinationstest für kinder, KTK**. Weinheim: Beltz Test GmbH, 1974.

PELOZIN, Fernanda et al. Nível de coordenação motora de escolares de 09 a 11 anos da rede estadual de ensino da cidade de Florianópolis/SC. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Santa Catarina, p.123-132, 30 ago. 2009.

SILVEIRA, Sérgio Roberto et al. **Projeto futebol da escola na integra**. 2013. Disponível em: <[http://demaui.educacao.sp.gov.br/rea de Linguagens EducaoFsica/PROJETOFUTEBOLDA ESCOLANAINTEGRA.pdf](http://demaui.educacao.sp.gov.br/rea%20de%20Linguagens%20EducacaoFisica/PROJETOFUTEBOLDA%20ESCOLANAINTEGRA.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2016.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.